



ENTREVISTA COM MARTA LOURENÇO

Entrevistadores

Verona Campos Segantini

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, MG, Brasil
veronasegantini@gmail.com
ORCID: 0000-0003-4059-2744

Marcelo Paolinelli de Souza Novaes

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil
marcelopaolinelli@ufmg.br
ORCID: 0000-0001-8765-2885

Leticia Julião

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil
ljuliao@ufmg.br
ORCID: 0000-0002-5930-4098

Transcrição

Cavallere Miranda Lima

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Brasil
cava.lima@outlook.com
ORCID: 0000-0002-0169-6324



Marta Lourenço, presidente do Comitê Internacional para Coleções e Museus Universitários (UMAC), do Conselho Internacional de Museus (ICOM), nos concedeu uma entrevista em dois momentos distintos. No dia 01 de fevereiro de 2022, em uma conversa virtual com Verona Segantini, Marcelo Novaes e Leticia Julião, nos relatou sobre seu ingresso no curso de Física, o engajamento no Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, hoje integrado ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência da mesma Universidade, a formação na pós-graduação, os primeiros contatos com pesquisadores brasileiros, a participação no processo de criação do UMAC e sua eleição como presidente desse comitê, em 2016. A conversa fluiu como se tivéssemos nos encontrado presencialmente, estendendo-se para além do horário que havíamos planejado encerrá-la. De comum acordo, entrevistadores e entrevistada resolvemos dar continuidade à entrevista em momento posterior, enviando as perguntas para que fossem respondidas por escrito. Optamos por deixar explícita essas duas partes distintas, mantendo as singularidades do oral e da escrita.

Parte I

[INTERFACES]

Marta, você é uma pessoa muito importante no cenário dos museus universitários e esta entrevista quer recuperar a sua trajetória, como pessoa, como pesquisadora, como professora e como militante desse campo do patrimônio e dos museus universitários. Então gostaríamos de começar esta entrevista com questões que têm a ver com a sua biografia. Querida que você nos falasse das suas origens familiares, onde você nasceu, onde você estudou e por que você foi estudar física.

[MARTA]

Eu nasci a 80 quilômetros ao norte de Lisboa, numa cidade que se chama Santarém. Também há no Brasil, mas é na Amazônia, ouvi dizer. Nunca fui lá. Mas é uma cidade ao longo do Tejo; se continuarmos pelo Tejo vamos encontrar Santarém, que é uma cidade pequena, hoje é quase um dormitório – como nós dizemos aqui – de Lisboa. Muita gente que vive em Santarém vem a Lisboa trabalhar. Naquela altura era província remota.

E eu sempre me encaminhei para as ciências. Eu queria ser cientista. E não tinha muito interesse pela natureza. Não sei, isso é muito mais tarde que eu me interessei. Sempre tive interesse em perceber como que o mundo funciona. Também tinha os vários namorados que eram de física. E, portanto, as nossas vidas realmente tomam razões que a gente nunca sabe, e fui para a Física. E naquele ano que entrei em Física, 1986, entrei pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, exatamente no local onde hoje é o museu que eu dirijo, o que é uma coisa quase esquizofrênica, não é? Eu não saí daqui deste espaço durante quase quarenta anos. Portanto, eu fui para [a] Física para tentar compreender o mundo; gostava muito de ler Filosofia. Todos aqueles livros de divulgação científica, o Carl Sagan, marcaram-me muito, quando eu tinha 15, 16 anos, e queria compreender buracos negros e [por] tudo isso, mais os namorados, acabei indo pra Física.

Mas adorei Física. Havia pouquíssimas meninas, os estudantes eram quase todos rapazes. Adorei. Gostei dos meus professores. Já havia uma tradição aqui na Faculdade de Ciências de uma cadeira de História das Ideias em Física, portanto entrei logo na História no primeiro ano. Tivemos quatro anos de "História das Ideias em Física", com um professor absolutamente excepcional [João Andrade e Silva (1928-2017)]. Na altura, adorava ouvir as aulas, mas não pensava "bem, é História que quero fazer". Depois dei aulas. No fim da Faculdade, percebi que não queria fazer pesquisa em Física. Isso percebi logo desde o início, mas também não sabia bem o que eu queria, estava um pouco hesitante, e acabei por... dar aulas. Eu sempre gostei de ensinar, também havia a questão da divulgação, da comunicação, da educação para todos. Quando brincava de bonecas com minha irmã, eu era a professora e ela era a aluna. Sempre houve essa vocação. Olhando para trás, percebo que realmente o que eu gosto é de ensinar. E então dei aulas de Física no ensino secundário durante dois ou três anos. Nessa altura, começo a fazer voluntariado porque me chateava de morte. Preparava as aulas num instante, inventava algumas coisas e depois ficava com muito tempo livre. Acabei por começar a fazer voluntariado no Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, que depois [em 2016] se fundiu com o Museu Nacional de História Natural.

Comecei então a fazer voluntariado no Museu. O professor Fernando Bragança Gil [1927-2009], sobre quem já muito escrevi e falei porque me marcou muito, foi meu professor na faculdade, e nessa altura era o diretor do Museu. Foi ele que organizou e fundou o museu e, enfim, foi com ele que eu aprendi as primeiras coisas sobre museus. Ele "atirava-me aos

bichos", como dizemos em Portugal. No gênero: "Olha, aqui está uma coleção de instrumentos de Física, agora inventaria." E eu achando, "bem, eu fiz Física, eu sei com certeza tudo".

[INTERFACES]

Você chegou ao museu pela questão da educação, Marta? Foi isso que te atraiu?

[MARTA]

Eu chego ao museu pela questão da educação. Era professora e levava os meus alunos aos museus, incluindo o Museu de Ciência, que considerava uma ferramenta incrível para ensinar Física. Eu tinha recebido formação em educação com base nos Project Physics Course e BSCS [<https://bscs.org/about/our-story/>] dos anos 60, que sublinham as aprendizagens através da experiência e da História. Mas nunca me interessou muito a História por si, a não ser como ferramenta para entender Física. Pensava: "Bem, isso é fantástico, está aqui uma máquina que serve perfeitamente para explicar os princípios de conservação de energia..." Portanto, sempre ainda na educação. E depois, enfim, há uma altura em que eu me questiono: "Continuo professora ou dedico-me aos museus?".

[INTERFACES]

E isso acabou impactando nas suas escolhas de mestrado e doutorado?

[MARTA]

Não, ainda não. Aqui ainda estamos por aí em 1996. É nessa altura que decido que vou ficar no museu e esquecer a escola. E desde logo percebi que havia uma formação a adquirir: "o que é catalogar?", "o que é comunicar?", "o que é coleção?", "o que é acervo?", "o que é conservação?". E comecei a estudar. Primeiro, sozinha. Eu sempre estudei imenso, sempre li imenso e compulsivamente. Leio três a quatro livros ao mesmo tempo. Comecei logo a ler imensas coisas sobre museus, primeiro, sobre educação. Mas depois dou-me conta que não é suficiente e então fiz um mestrado em Museologia. Esse mestrado foi iniciado em 1998.

No Mestrado, ganhei consciência das questões relacionadas com a nossa responsabilidade e com a materialidade. Não tinha. Foi preciso o curso para ter.

[INTERFACES]

Marta, só de curiosidade, desculpa te interromper. Em Portugal, a Museologia é uma especialização ou existem cursos de graduação em Museologia? Ou só no nível de especialização?

[MARTA]

É como em São Paulo. Em Portugal, a abordagem é a tradicional dos museum studies, digamos assim. Ou seja, há de fato um conhecimento que é comum aos museus, mas assume-se ao nível da especialização. Portanto "eu sou física", "eu sou arqueóloga", "eu sou bióloga", "eu sou historiadora da arte". E não há sequer um debate. Para mim, é uma coisa curiosa até não haver debates sobre este assunto. Vêm tantos professores do Brasil dar aulas a Portugal, há tantas trocas, e, no entanto, nunca houve um debate aprofundado sobre essa questão que estás a perguntar. Para mim é muito curioso porque nunca aconteceu.

[INTERFACES]

Você está falando [sobre] um debate em relação à formação?

[MARTA]

Se a Museologia deve existir ao nível de graduação ou ao nível de mestrado. Não há debate. Existe ao nível da Conservação e Restauro, é curioso, mas da Museologia, não. Portanto, a maior parte dos profissionais de museus formados e treinados em Portugal são arqueólogos, biólogos, historiadores, que depois fazem Museologia ao nível de pós-graduação e podem depois concorrer aos concursos públicos etc. Foi isso o que eu fiz: Física e depois Museologia. A seguir ao Mestrado, começo a interessar-me pela especificidade das coleções universitárias. Comecei a visitar museus – museus de ciência, desde logo, e centros de ciência – e, à medida que vou entrando neste mundo, vou-me apercebendo que a coleção que tinha a cargo no meu Museu era diferente. E é diferente por quê? Qual é essa especificidade? E depois havia outras coleções aqui à volta, na Universidade, de História Natural etc, e começo a refletir sobre esse tema. Um dia, chego ao professor Bragança Gil e digo-lhe: "Professor, eu gostava de fazer um doutorado em Museologia sobre a questão das coleções universitárias." Havia pouquíssima literatura na altura. Nada de especial.

[INTERFACES]

Em que ano foi isso, Marta?

[MARTA]

Foi logo em seguida ao mestrado, portanto em 1999, por aí. Ainda demorei um bocadinho a formular a problemática, porque havia pouca literatura, porque eu não tinha visitado ainda quase nada. Nessa altura, só conhecia as coleções portuguesas. Comecei por visitar as coleções e museus das Universidades de Coimbra e Porto etc., para conseguir tirar alguns padrões, observar tendências. Agora para mim é trivial; se me perguntarem qual a especificidade dos museus e coleções universitárias, dou-vos dez especificidades diferentes, quer na *artificialia* quer na *naturalia*. Mas naquela altura não tinha noção nenhuma. O que eu sabia era o que eu tinha lido e o que eu via por mim própria. Inicialmente, queria fazer o doutoramento em Portugal, com o Professor Bragança Gil. No entanto, vi um dia que o Comité UMAC se iria fundar em Barcelona, na reunião do ICOM de 2001. Decidi ir. E aí conheço toda a gente na comunidade que fundou o UMAC: o Peter Stanbury, da Austrália, e primeiro Presidente do UMAC; a Dominique Ferriot, do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris; o Steven De Clercq. Estes dois últimos viriam a ser os meus orientadores de doutoramento. Era um conjunto de vinte pessoas em Barcelona nessa primeira reunião do UMAC. Foi a minha segunda comunicação oral. Estava nervosíssima. Mas estava ali a nascer uma comunidade, que se estava a organizar, e eu tinha muito interesse em fazer parte dela. Então regresssei a Lisboa e informei o Professor Bragança Gil que queria fazer o doutoramento em Paris. Gerou-se ali alguma tensão, mas resolveu-se. E assim foi. Entre 2001 e 2005, visitei quase quinhentas coleções e museus de universidades na Europa, desde a Irlanda até a Estónia. Foram os melhores anos da minha vida, com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e o apoio da Universidade de Lisboa que manteve o meu salário. Acabei por estar muito pouco em Paris porque viajei muito e conheci muita gente. Percebi as dificuldades pelas quais passávamos. Percebi as especificidades. Vi tudo que vocês possam imaginar. Desde coleções humanas, a arquivos, a história natural, física, engenharia, arte, tudo. As coisas mais bizarras existem nas universidades. E isso é uma das especificidades: a liberdade de pesquisa. Eu posso pesquisar o que quero e, podendo pesquisar o que quero, acumulo por vezes objetos bizarros. A materialidade é a expressão da liberdade de pesquisa. Eu tinha um caderninho onde eu escrevia as coisas mais bizarras que eu via.

[INTERFACES]

Retornando ao UMAC, que foi fundado e você conheceu o pessoal, como foi sua trajetória nessa comunidade internacional? E nessa comunidade internacional, se você puder dar uma atenção especial no relato, como você se aproximou dos pesquisadores e profissionais do Brasil?

[MARTA]

O grande problema do UMAC era precisamente defender essa natureza específica dos museus e coleções universitárias. Do ponto de vista do ICOM, não foi fácil criar o UMAC. O comitê executivo do ICOM criou o UMAC em dezembro de 2000. O UMAC teve a sua primeira reunião, em 2001, em Barcelona, como referi. Houve, porém, discussão no ICOM sobre a criação do UMAC. O Michel Van-Praët, por exemplo, que era do executivo do ICOM, lembra-se que foi contra. Como dizer? Não foi consensual a criação do UMAC no seio do ICOM. Não era como agora que o ICOM cria imensos comitês e há relativamente pouca discussão. Naquela altura, o comitê anterior ao UMAC tinha sido criado uns anos antes e não era algo muito frequente. E qual era a razão da controvérsia? Na realidade, eram duas questões. Primeiro, os museus universitários são de quê? Há de Arqueologia, há de História Natural, há de ciências... e a resposta era: "O ICOM já tem comitês para isso tudo." Uma segunda questão era sobre a presença de coleções no nome do comitê. O UMAC é *University Museums and Collections*. Hoje em dia, há mais comitês com coleções no nome, mas naquela altura era quase tabu falar em coleções. Um comitê de coleções? O que é isso? O ICOM é de museus; as coleções existem nos museus. Estou a reduzir muito o debate, mas assentava nestes dois pilares: por um lado, demonstrar que, apesar de já existirem comitês disciplinares, os museus universitários tinham características próprias e comuns, que não se refletiam nos comitês existentes; por outro lado, a questão controversa das coleções fora dos museus, que sempre nos acompanhou e continua a acompanhar, embora agora seja mais consensual.

[INTERFACES]

Ou seja, a própria especificidade do museu universitário era o ponto de discórdia, de embate.

[MARTA]

Sim, era o ponto de discórdia. E, portanto, os fundadores do UMAC, daquela primeira reunião e das reuniões nos anos seguintes, sentiram profundamente o peso e a necessidade de consolidar essa especificidade. Lembro-me de nas chamadas dos artigos das reuniões anuais do UMAC, por exemplo, haver a pergunta recorrente: "Este *paper* é específico do UMAC ou poderia ser apresentado a uma reunião do comitê do ICOM sobre museus de Arqueologia, ou fosse do que fosse?". Havia a preocupação em enxugar e ir construindo a nossa identidade enquanto comunidade de profissionais. Claro que eu estava interessadíssima nessa reflexão porque era o cerne da minha tese. E, portanto, nunca mais larguei o UMAC até ao final do doutoramento.

[MARTA]

Então, eu estava dizendo que aquele grupo fundador do UMAC interessava-me imenso e, portanto, eu fiquei na direção, enquanto membro *ex officio*, sem direito a voto, para poder participar nas discussões, observar, colher dados e ir expandindo a minha rede. Fiquei entre 2001 e 2004. Quando defendi a tese, em 2005, passei a interessar-me mais pelo que se passava na Europa, o que de certa forma era natural, pois a minha tese debruçava-se sobre as universidades europeias. A pedido da Cornelia Weber, então na Universidade Humboldt

de Berlim, e uma grande dinamizadora dos museus e coleções universitários da Alemanha, comecei a envolver-me na consolidação institucional do *Universeum*, a Rede Europeia do Património Universitário. O *Universeum* tinha sido criado em 2000, na Alemanha, um ano antes do UMAC e tinha dois problemas naquela altura. Por um lado, era uma organização informal muito heterogênea, que envolvia não só profissionais de museus (aliás, em minoria), mas também professores, reitores, pesquisadores, bibliotecários, arquivistas etc. Como era informal, era muito instável. Se alguém se lembrasse – “olhem, para o ano vamos a Varsóvia” –, reuníamos. Não havia estatutos, não havia programa, não havia uma direção. Havia uma declaração de intenções [a Declaração de Halle, 2000: <https://www.universeum-network.eu/the-declaration-of-halle/>]. Por outro lado, o objeto era, pelo menos no nome, o património universitário. Ora, esse objeto também carecia de fundamentação, de reflexão. O que quer isso dizer, património universitário? Era preciso “puxar a carroça” nestas duas frentes. E assim foi. Dediquei-me intensamente, com a Sofia Talas, o Sébastien Soubiran e o Roland Wittje, durante cerca de 10 anos, à consolidação do *Universeum*, que hoje é uma associação sem fins lucrativos do direito europeu, criada em 2009 e com base em Estrasburgo, França.

[INTERFACES]

Mas vocês acabaram aprovando um documento, que é uma recomendação? Isso foi em que ano?

[MARTA]

Sim. Houve várias recomendações. A primeira é a declaração inicial que funda o *Universeum*, a Declaração de Halle, de abril de 2000. Nessa declaração, representantes de 12 grandes universidades europeias, e algumas das mais antigas, comprometem-se em preservar o seu património. Talvez o documento mais importante, que contou com o contributo de vários membros do *Universeum* ainda na sua fase informal, foi a Recomendação 13 de 2005, do Conselho da Europa sobre a governança e gestão do património universitário. Esse documento foi um passo muito importante dos últimos 20 anos porque se dirige a governos e reitores (http://umac.icom.museum/wp-content/uploads/2017/05/Rec_2005_13E.pdf).

Para mim, o interessante do *Universeum* era a sua abrangência: para além de museus e coleções, incluía arquivos, edifícios e bibliotecas, numa visão integrada de património do conhecimento, que é a única que para mim faz sentido, nas universidades da Europa ou em qualquer outra parte do mundo. Isso tornava o *Universeum* distinto do UMAC.

[INTERFACES]

Como é que foi o seu contato com pesquisadores, professores e profissionais de museus no Brasil?

[MARTA]

O meu contacto com o Brasil começa com o Marcus Granato e o MAST [Museu de Astronomia e Ciências Afins]. Curiosamente, não tem nada a ver com museus universitários. Em 1998, houve uma reunião da RedPOP [Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e Caribe] no Rio de Janeiro para a qual o meu Diretor, Professor Bragança Gil, tinha sido convidado como orador. No entanto, ele já estava com uma certa idade e, no final, pediu-me para eu ir em substituição. Eu estava nervosíssima, ainda estava a fazer o mestrado e foi a primeira vez que falei em público – e logo em plenária. Lembro-me que foi no Hotel Glória, lindo de morrer. Foi nessa reunião que conheci o Marcus Granato.

[INTERFACES]**Então é uma longa amizade?**

[MARTA]

Uma enorme e longa amizade. E também admiração. Num dos dias da reunião da RedPOP, houve um jantar no MAST. Estive com o Marcus Granato, com a Martha Marandino [da USP]. Ainda há gente que às vezes no Brasil me encontra e [diz] assim: "Nós conhecemos-nos naquela reunião da RedPOP.". Estava muita gente nessa reunião. Não esqueçamos que o Brasil nessa altura estava em grande expansão com os centros de ciência e a divulgação da ciência. Era uma comunidade vibrante e referência internacional. O próprio MAST, Museu de Astronomia, onde a educação sempre foi muito forte, estava muito virado para os *hands-on*. Foi assim, no meio dessa efervescência, que para mim foi incrível e aprendi imenso, que contactei pela primeira vez com os profissionais de museus do Brasil e, em particular, com o Marcus. Nunca mais nos largamos. Temos feito tanta coisa em conjunto ao longo destes quase 25 anos...

Eu tenho "duas vidas" de interesses, pesquisa e docência, digamos assim. Uma que é a dos museus universitários, que nunca abandonarei porque fiz tese na área, estive na fundação das duas principais organizações internacionais, conheço muitos museus e profissionais. Mas aquilo que, em última análise, verdadeiramente me interessou, ao fim destes anos todos, foi a cultura material da ciência.

[INTERFACES]**Eu ia te perguntar isso. Você atua como professora no departamento de História e Cultura Material, não é?**

[MARTA]

O Departamento chama-se História e Filosofia da Ciência e pertence à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Eu dou uma cadeira semestral de cultura material, ao nível de pós-graduação. Aquilo que acabou por me interessar foi a reconstrução e interpretação do passado através dos objetos, sobretudo coleções de *artificialia*. E, nesta frente, mais uma vez, há pessoas geniais que me influenciam e mudam a minha perspectiva sobre as coisas. Há um historiador em particular, com quem me cruzo em 2007 ou 2008, que foi o Samuel Gessner. Nunca tive formação em História e não me considero historiadora, embora dê aulas num mestrado em História da Ciência. Foi com o Samuel Gessner que comecei a fazer uma reflexão mais profunda, a partir da nossa coleção do MUHNAC [Museu Nacional de História Natural e da Ciência], sobre os ciclos de vida dos objetos e comecei a ler os antropólogos, por exemplo Appadurai e Latour, que estavam fora do meu radar naquela altura. Esta abertura à História e à Antropologia tem dois resultados. Em primeiro lugar, há coisas que começam a fazer sentido, como se fechássemos partes de um *puzzle*: as práticas de desenvolvimento dos instrumentos científicos em função do ensino e da pesquisa, a sua readaptação e canibalização, as trocas entre instituições e utilizadores, as suas múltiplas dinâmicas ao longo de décadas de uso e cujas evidências materiais estão nos museus e coleções, sobretudo universitárias. Em segundo lugar, constatei uma dissonância muito grande entre aquilo que era o trabalho dos historiadores e os museus. Isto é, em larga medida, a História da Ciência, por contornar largamente a cultura material, ignorava a evidência destas práticas. Naquela altura, pensei que podia contribuir para este "divórcio", estabelecendo pontes entre historia-

dores e museus, através da formação de historiadores. Foi por isso que propus a cadeira de "Museus, Coleções e História da Ciência" à Faculdade de Ciências, que tinha um Mestrado de História da Ciência. Comecei a dar aulas no ano letivo de 2007/2008. Acredito mesmo que a crescente presença de historiadores nos museus científicos pode ter um significado e um impacto para as histórias que contamos. Para a conservação, para as exposições e para as narrativas. Quantas vezes não me deparei com fontes materiais que questionam narrativas tradicionais da história que foram apenas baseadas em documentos. Quantas vezes?

[INTERFACES]

A História é ainda um pouco resistente a isso?

[MARTA]

Sim, mas o historiador é resistente. Não, é isso que estava a dizer, Leticia? O historiador?

[INTERFACES]

Sim, o historiador. Muito resistente.

[MARTA]

O historiador é super-resistente, mas julgo que tem medo de se confrontar diretamente com objetos que têm uma gramática própria. A formação ajuda muito e tenho vindo a ver uma evolução muito positiva.

[INTERFACES]

Não, melhorou muito nos últimos anos!

[MARTA]

Melhorou imenso. Sempre houve um interesse dos historiadores pelos museus. São visitantes regulares. E quantas vezes não recebi um pedido de historiadores para uma fotografia de objeto para ilustrar artigos? No entanto, tratava-se de ilustrar. Há uma barreira que têm de passar até as fontes materiais serem tratadas em pé de igualdade com as fontes textuais. E isso é o difícil. Mas a formação ajuda.

[INTERFACES]

Ou ilustra ou corrobora o escrito, né? Nunca coloca no mesmo pé de igualdade.

[MARTA]

Exatamente, é isso mesmo.

[INTERFACES]

Marta, já que a gente tem pouco tempo, então aproveitando um pouco o que predominou hoje, que foi a sua trajetória na entrada nesse mundo dos museus, o seu contato com a UMAC, você foi uma membra fundadora, certo? Eu queria que você falasse um pouquinho da sua trajetória na UMAC até você se tornar presidente. Porque é uma outra etapa da sua atuação... Então eu acho que se a gente pudesse encerrar por hoje com a sua trajetória na UMAC, aí depois a gente retoma na próxima conversa uma discussão mais sobre projetos, experiências, que eu acho você tem muito a nos dizer, a nos ensinar, enfim.

[MARTA]

Bem, como referi antes, houve um primeiro período, desde a fundação do UMAC em 2001 até a conclusão do meu doutoramento em 2005, em que estive muito envolvida com a direção, enquanto *ex officio*. Depois houve um intervalo, entre 2005 e 2015 em que estive envolvida mais diretamente com a consolidação do *Universeum* e mais indiretamente com o

UMAC. Em 2015, o Professor Hugues Dreyssé, à data presidente do UMAC e diretor do Jardim das Ciências da Universidade de Estrasburgo, me desafiou a candidatar-me a presidente do UMAC. Ele dizia: "Vai haver eleições, agora tem que ser, Marta. "Resisti ao princípio. Estava um bocadinho cansada do ICOM porque pelo meio – entre 2008 e 2014 – tinha sido secretária do ICOM – Portugal sob uma direção muito ativa de Luís Raposo, atual presidente do ICOM Europa. Não me apetecia pegar no UMAC. Mas o Hugues Dreyssé foi muito insistente e convincente – acabei por ceder.

[INTERFACES]

Isso foi em que ano?

[MARTA]

2015; foi quando decidi candidatar-me e fui eleita em 2016, na Conferência Geral do ICOM em Milão. Vou sair agora em setembro, ao final de dois mandatos.

[INTERFACES]

Em Praga?

[MARTA]

Exato, na Conferência Geral do ICOM em Praga... Quer dizer, tecnicamente a assembleia geral que elege a nova direção do UMAC ocorrerá *online*, um bocadinho depois de Praga, a 19 de setembro. A natureza da conferência de Praga – híbrida pela primeira vez na história do ICOM – não facilita a realização de eleições. Espero que haja candidatos. E candidatos bons, do Brasil, por exemplo!

Parte II

INTERFACES: Quais foram os principais projetos e iniciativas em parceria com profissionais e pesquisadores de museus universitários/patrimônio científico no Brasil?

MARTA: Houve muitos projetos, ao longo de quase três décadas. No que se diz respeito ao património científico, o parceiro mais importante sempre foi o Museu de Astronomia e Ciências Afins do Rio de Janeiro. Desenvolvemos, entre 2006 e 2011, o projeto "Thesaurus de Instrumentos Científicos em Língua Portuguesa", com uma equipa de excelentes profissionais portugueses e brasileiros. Depois houve o projeto seminal do MAST sobre a Valorização do Patrimônio de Ciência e Tecnologia das Universidades Brasileiras, do qual participei regularmente. Foi a primeira vez que se fizeram levantamentos sistemáticos de património universitário brasileiro, gerando um grande número de publicações e de teses de mestrado e de doutorado e, finalmente, contribuindo significativamente para a sensibilização das universidades para com os seus próprios museus, coleções e património.

Entre 2010 e 2013, andei por diversas instituições brasileiras à procura dos instrumentos científicos que sabemos terem sido transferidos de Lisboa para o Rio de Janeiro com D. João VI no início do século XIX. Mais recentemente, coordenei um projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, designado "Riscar o Mundo", sobre uma coleção de desenhos setecentistas do Brasil e de África que temos no MUHNAC e que envolveu vários pesquisadores brasileiros. Isto para além das relações que vou naturalmente estabelecendo no âmbito do UMAC e dos museus e coleções universitárias brasileiras. Enfim, estou sempre à procura de oportunidades para trabalhar com pesquisadores e profissionais de museus do Brasil. Há um mundo de questões – e um património material e imaterial partilhado – para trabalharmos em conjunto. Isto, claro, para além de adorar o Brasil. É a minha segunda casa.

INTERFACES: Como avalia o campo de pesquisa sobre museus/patrimônio universitário?

MARTA: Trata-se de um campo em enorme expansão, com promissoras possibilidades de desenvolvimento. As perguntas de pesquisa, quer teóricas quer práticas, de há 20 anos continuam a carecer de aprofundamento e tocam, em larga medida, no cerne da Museologia enquanto área do conhecimento, desafiando-a e ampliando os seus limites. Por exemplo, qual a especificidade do património universitário no contexto do património cultural? Como enquadrar e valorizar elementos patrimoniais não tradicionais, como, por exemplo, as coleções fora dos museus? Qual o papel da Museologia (e dos seus profissionais) e que relação estabelece com as áreas científicas tradicionais representadas nas coleções e museus universitários (e seus profissionais)?, entre outras. Por outro lado, à medida que o nosso conhecimento se vai ampliando, surgem questões de pesquisa novas, em particular relacionadas com a terceira missão (extensão), a gestão e as redes.

INTERFACES: Como aconteceu seu envolvimento na gestão de espaços museológicos na Universidade de Lisboa? Há algum marco importante ou transformação em relação à gestão dos museus que aconteceu nos últimos anos que gostaria de registrar e compartilhar?

MARTA: Na Universidade de Lisboa, existiram múltiplos marcos de transformação importantes nos últimos 10-12 anos. Desde logo, e em alinhamento com a situação internacional, existe uma sensibilização crescente por parte da comunidade, particularmente de sucessivos reitores e diretores de escolas e faculdades, para com a importância do património universitário. Essa sensibilização é visível e palpável. Os dois levantamentos, em 2010 e 2016, do património cultural da Universidade de Lisboa – que é verdadeiramente notável do ponto de vista artístico, arquitetónico, histórico e científico – foram efetuados a pedido dos reitores, respetivamente, António Nóvoa e António Cruz Serra. Os levantamentos mostraram uma Universidade de Lisboa largamente desconhecida de todos e contribuíram enormemente para uma consciencialização e para as primeiras medidas de conjunto. Foi nessa altura, por exemplo, que uma secção dedicada ao património foi criada na página da Universidade de Lisboa. A nível de Faculdades, houve iniciativas de organização interna (por exemplo, os Museus do Instituto Superior Técnico, a valorização do património da Faculdade de Letras) e de acessibilidade (promoção do inventário, medidas de conservação preventiva, publicações e abertura ao público). Sendo o maior museu da Universidade de Lisboa, o MUHNAC assumiu em todo este processo um papel importante de consultoria. Talvez por isso não se tenha criado uma rede ainda. A Universidade é muito grande, o património muito heterogéneo e as iniciativas transversais (uma rede, programação conjunta, etc.) são um desafio. Mas melhorou-se muito e vamos construindo, aos poucos, um caminho em conjunto.

INTERFACES: Quais os principais desafios que se colocou à frente do UMAC? Quais as principais conquistas e perspectivas para os próximos anos?

MARTA: Claramente, os maiores desafios do UMAC são i) o envolvimento das universidades africanas – o UMAC é muito pouco conhecido em África; ii) a dificuldade, no seio do ICOM, em lidar com um conceito de património mais integrado, que é essencial nas universidades; iii) a terceira missão;¹ e iv) as questões éticas, em particular o Código de Ética do ICOM.

¹ Terceira missão da universidade, ou seja, a extensão. N.E.

INTERFACES: Como você enxerga as especificidades e a diversidade de museus e espaços de salvaguarda do patrimônio universitário no mundo?

MARTA: A heterogeneidade do patrimônio universitário é imensa. Tudo – mas tudo mesmo – o que se possa imaginar de *naturalia* e *artificialia* existe numa universidade alhures. Esta heterogeneidade é uma das especificidades do patrimônio universitário na medida em que ele deriva, em primeiro lugar, da pesquisa – que é teoricamente livre e de âmbito universal e que, no ensino superior, está diretamente articulado com o ensino – e, em segundo lugar, das circunstâncias históricas locais de cada universidade, resultando num palimpsesto local/global absolutamente único, ancorado em valores de liberdade e igualdade. É, em minha opinião, o ponto mais forte do patrimônio universitário. Por outro lado, também é o ponto que causa mais estranheza a quem está “de fora” e, mesmo a quem está “dentro”, é de difícil reconhecimento e gestão de conjunto.

INTERFACES: Há características e desafios comuns que são identificados em todos os continentes?

MARTA: As questões de reconhecimento, enquadramento institucional e gestão são desafios comuns em todas as universidades que conheço. Curiosamente, são questões em que ainda existem muito poucos estudos comparativos.

INTERFACES: Poderia relatar algumas experiências que considera bem-sucedidas e que sirvam de referência para outras instituições?

MARTA: Há muitas experiências bem-sucedidas. Para além da China, há o que chamaria um *boom* de novos projetos de museus universitários, inaugurados nos últimos cinco anos em várias universidades europeias e norte-americanas. Existe ainda toda a questão da repatriação, que os museus universitários estão a liderar, em vários países. Existem inúmeros projetos de exposições e extensão altamente inovadores, que o UMAC Award tem, por exemplo, vindo a destacar. Mas talvez a experiência com maior sucesso dos últimos anos seja a profusão de redes formais e informais de museus, coleções e patrimônio em quase todas as universidades que conheço. E, neste aspecto, o Brasil tem vindo claramente a liderar.

INTERFACES: Gostaríamos que você comentasse sobre o trabalho em rede das instituições museológicas universitárias. Como esse trabalho contribuiu para o fortalecimento, ou não, desses espaços. Quais são os principais desafios para o trabalho nessa perspectiva?

MARTA: Existem vários tipos de redes. Existem as redes nacionais, como a Rede de Museus e Coleções Universitárias do Brasil; o UMIS, na Escócia; a AAMG, nos EUA etc. Existem as redes internacionais, como o UMAC ou o *Universeum*. E existem as redes que eu chamo locais, como a Rede da UFMG, entre tantas outras.

Apesar de, nalguns países, como a Itália, serem mandatórias, penso que as redes locais foram surgindo nas universidades como uma resposta *bottom-up* dos profissionais para fazer face à heterogeneidade na ausência de estruturas de reconhecimento e enquadramento institucional transversais. Por outras palavras, os profissionais aproximaram-se e começaram a trabalhar em conjunto em questões de interesse comum. Era interessante recolher alguns dados e fazer alguma pesquisa sobre as origens das redes locais de patrimônio universitário. Faz-nos falta entender estas dinâmicas.

A meu ver, as redes locais foram as grandes protagonistas do enorme salto qualitativo dado pelo património universitário nos últimos 20 anos.

Os três grandes desafios destas redes são i) manter a paridade na heterogeneidade, seja em relação aos arquivos, museus, coleções, edificado histórico e jardins, seja em relação a um elemento que se destaque naturalmente (por exemplo, quando uma universidade tem um museu muito maior que os outros, como a Universidade de Lisboa ou a UFRJ); ii) não deixar nada para trás (problema da "matéria negra"); e iii) criar mecanismos dinâmicos para ir incorporando o que vai sendo gerado.

INTERFACES: E quais os desafios em que os museus universitários devem se lançar em relação à salvaguarda do património universitário? Como devem pensar de forma "visionária", antecipando o trabalho de preservação?

MARTA: Penso que, por formação, os profissionais de museus são naturalmente passivos. Em geral, estão habituados a fazer coletas *a posteriori*. No que diz respeito ao património universitário, é da maior importância trabalhar mais proactivamente e a longo prazo com os pesquisadores nos laboratórios, em "cocuradoria de antecipação", para entendermos melhor as dinâmicas de geração, uso e obsolescência de artefactos, seus significados e seus materiais e para os podermos preservar e interpretar melhor a largos segmentos do grande público.

Texto encomendado pelos organizadores do dossiê